



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS

ANA CAROLINA ALVES OLIVEIRA

**OLIMPIADAS RIO 2016: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS FEITAS PELO SPORTV
NA ZONA MISTA**

**BRASÍLIA
2017**

ANA CAROLINA ALVES OLIVEIRA

**OLIMPIÁDAS RIO 2016: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS FEITAS PELO SPORTV NA
ZONA MISTA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Dra. Katrine Boaventura

BRASÍLIA

2017

ANA CAROLINA ALVES OLIVEIRA

**OLIMPIÁDAS RIO 2016: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS FEITAS PELO SPORTV NA
ZONA MISTA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social, com habilitação em
Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e
Ciências Sociais Aplicadas Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientadora: Dra Katrine Boaventura

Brasília, 21 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Katrine Boaventura
Orientadora

Prof. M.a. Isa Stacciarini
Examinadora

Prof. Dr. Sérgio Euclides
Examinador

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por todas as bênçãos que recebi, a mais importante delas, a vida. Agradeço também aos meus guias espirituais por toda a proteção e acolhimento.

Aos meus pais, Analice e Alírio, por todo amor e dedicação que tiveram comigo durante a minha caminhada. Obrigada por respeitarem meus sonhos, e por me proporcionarem as ferramentas para que eu pudesse concretizá-los, ou, pelo menos, tentar. Aos meus avós, Leonor e Maury, que guardam com carinho todas as minhas matérias publicadas. Aos meus irmãos, Bruna e Enzo, por me ensinarem - cada qual da sua maneira - a ser uma pessoa melhor. À toda minha família, pelo amor e compreensão.

Ao meu Fernando, pelo infinito apoio e palavras de motivação. Obrigada por me enxergar de uma maneira tão única e bonita. Gratidão por ter você.

Aos meus amigos da vida que sempre estiveram ao meu lado durante as minhas batalhas. Aos amigos que fiz durante a graduação, Alex Akira, Diego Schueng, Harley Alves, Juliana Gonçalves, Letícia Cunha, Lucianna Rodrigues, Luísa Ervilha, Rodrigo Barreto, Victor Chaves e Victor Gammara. Obrigada pelo companheirismo durante esse trajeto. Tenho certeza que nos encontraremos nas pautas da vida - e nos bares também.

À minha orientadora Katrine Boaventura, por confiar no meu estudo e por me orientar não só nesta dissertação, mas ao longo de todo o curso. Ao mestre Luiz Cláudio, por ser uma inspiração como profissional e como pessoa, e por me ensinar muito mais do que jornalismo: a amar o que se faz. À professora e colega de redação Isa Stacciarini, muito obrigada por acreditar em mim e no meu trabalho, e, principalmente, por me ensinar a entender e respeitar os nossos próprios limites.

Por último, agradeço a Olympic Broadcasting Services pela oportunidade de trabalhar nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Participar deste evento histórico foi a maior experiência profissional e pessoal que eu já tive. As pessoas que conheci, as lições que aprendi e a sensação que eu senti ao ver a Tocha Olímpica jamais sairão da minha cabeça e do meu coração.

Obrigada!

Ana Carolina Alves

“Seja breve para que eles leiam;
claro para que eles gostem;
original para que eles não esqueçam e,
acima de tudo, preciso, para que sejam guiados por sua luz.”

Joseph Pulitzer

RESUMO

Inserido na área da Comunicação Social, mais especificamente nos estudos de Jornalismo, este Trabalho de Conclusão de Curso analisa as entrevistas realizadas pelo canal SporTV na Zona Mista dos Jogos Olímpicos de 2016. O objetivo geral é entender as particularidades e identificar as características das entrevistas feitas nesta Zona. Os vídeos disponibilizados no site do canal que contém as entrevistas realizadas na Zona Mista da Rio 2016 constituem o *corpus* da pesquisa. O material foi estudado a partir das técnicas Pesquisa Bibliográfica, Análise Documental, Análise de Conteúdo e Análise da Imagem. Na fundamentação teórica deste trabalho foram utilizados os conceitos de Wolf (2003), Coelho (2003), Batista (2008), Owens (2015), Barbeiro e Rangel (2006), Erbolato (1981), Oselame (2012), entre outros.

Palavras-chave: Zona Mista. Jornalismo Esportivo. Jogos Olímpicos. Rio 2016.

ABSTRACT

In the Social Communication area, more specifically in Journalism studies, this Conclusion Work analyzes the interviews done by the SporTV channel in the Mixed Zone of the 2016 Olympic Games. The general objective is to understand the particularities and identify the characteristics of the interviews made in this Zone. The videos made available on the website of the channel containing the interviews conducted in the Rio 2016 Mixed Zone constitute the corpus of the research. The material was studied from the techniques Bibliographic Research, Documentary Analysis, Content Analysis and Image Analysis. In the framework of this study were used the concepts of Wolf (2003), Coelho (2003), Batista (2008), Owens (2015), Barbeiro and Rangel (2006), Erbolato (1981), Oselame (2012), among others authors.

Key-words: Mixed Zone. Sports Journalism. Olympic Games. Rio 2016.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JORNALISMO ESPORTIVO	10
2.1 COBERTURA ESPORTIVA NA TV	12
2.2 ENTREVISTAS NO JORNALISMO ESPORTIVO	14
3. VALOR-NOTÍCIA.....	17
3.1 SELEÇÃO DA NOTÍCIA NO JORNALISMO ESPORTIVO	19
4. JORNALISMO EM MEGAEVENTOS ESPORTIVOS	22
4.1 COBERTURA DAS OLIMPÍADAS	23
4.2 ZONA MISTA	24
5. METODOLOGIA	26
6. ANÁLISE	32
6.1 NACIONALIDADE	38
6.2 INFLUÊNCIA	40
6.3 RESULTADO	41
7. CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS.....	46
APÊNDICE A	49
APÊNDICE B.....	51
APÊNDICE C.	54
APÊNDICE D.	55

1. INTRODUÇÃO

Durante o período de 5 a 21 de agosto de 2016 o Brasil recebeu os XXXI Jogos Olímpicos de Verão, realizados na cidade do Rio de Janeiro. Foi a primeira edição das Olimpíadas sediada na América do Sul, na qual foram realizadas 306 disputas de medalhas em 28 esportes divididos em 42 modalidades, sendo que essa edição contou com duas novidades: o *rugby sevens* e o golfe. Estima-se que cerca de 25 mil jornalistas foram credenciados para os Jogos e 500 mil turistas visitaram o Rio durante as provas. A cerimônia de abertura ocorreu no estádio do Maracanã e contou com um público de cerca de 80 mil espectadores, além de mais de 3 bilhões de pessoas ao redor do mundo que acompanharam a festa pela televisão.

Considerando a magnitude desse evento esportivo, o trabalho aqui proposto estuda as características e singularidades da Zona Mista dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Mais precisamente, serão avaliadas as entrevistas feitas nesta Zona pelo canal de esportes brasileiro SporTV. Na denominada “Zona Mista” ocorre o primeiro contato que o jornalista e os telespectadores têm com o atleta após o seu desempenho no evento esportivo. A emoção e urgência que essas entrevistas transmitem são o ponto chave dessa área.

A Zona Mista esteve presente em todos os esportes da Rio 2016, sendo dividida em duas áreas: posições reservadas e *Electronic News Gathering*¹ (ENG), que eram reservadas para rádio e televisão; e a área *Press*, que era exclusiva dos jornais impressos. A área de posições reservadas era exclusiva para os veículos de rádio e TV que custearam um lugar, e era a primeira zona a dar acesso aos atletas. Após passarem por essa região, os esportistas seguiam para a área ENG, onde qualquer emissora (de rádio e TV) credenciada tinha acesso. Neste estudo essas duas posições foram avaliadas, já que eram as únicas áreas da Zona Mista em que a imprensa televisiva se encontrava.

A inspiração para esse tema veio de uma experiência pessoal da autora. Após trabalhar na cobertura das Olimpíadas Rio 2016, inclusive atuando na Zona Mista, foi notada a relevância que essa zona tem para o jornalismo, atletas e telespectadores. As entrevistas realizadas nessa Zona acontecem imediatamente após um momento muito importante na vida do atleta, portanto ele tende a ser mais honesto e emotivo. Saber lidar com essa situação demanda profissionalismo

¹ Tradução para União de Notícias Eletrônicas.

do repórter, principalmente para saber lidar com o psicológico dos competidores naquele momento específico.

Contudo, ao procurar saber mais sobre esse tipo de entrevista, a autora percebeu que o assunto carece de estudos acadêmicos. Logo, decidiu fazer deste, então, o tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso, a fim de contribuir para a área acadêmica da Comunicação.

Para realizar este trabalho foi feito um levantamento dos vídeos de Zona Mista disponibilizados no site do SporTV. Para isso, foram utilizadas algumas palavras-chave para encontrar esses vídeos específicos. Foram elas: “fala”, “comenta”, “emocionado(a)” e “afirma”, totalizando 41 entrevistas feitas na Zona Mista e disponibilizadas no site do canal que fizeram uso das palavras escolhidas para selecionar o material. É importante ressaltar que, durante uma conversa via mensagens com Pedro Correia, repórter do SporTV, foi explicado que no site do canal não foram disponibilizadas todas as entrevistas feitas, mas sim as que a produção do canal avaliou como mais relevantes.

Para constatar que essas entrevistas foram, de fato, realizadas na Zona Mista, foi observado o ambiente, a postura e estado psicológico do atleta e a movimentação por trás da entrevista. O objetivo da pesquisa foi analisar a mensagem das entrevistas feitas pelo SporTV na Zona Mista dos Jogos Olímpicos 2016. Foram observadas a relação entre repórter e atleta, a postura de ambos, a linguagem e formalidade das entrevistas e a circunstância em que a entrevista foi realizada. Após analisados todos esses aspectos, foram analisadas as especificidades e particularidades das entrevistas em questão.

Para melhor explicar e contextualizar a relevância do trabalho e do jornalismo esportivo, serão apresentadas a seguir as seguintes questões: o que é o Jornalismo Esportivo, Valor-Notícia e o Jornalismo em Megaeventos Esportivos Mundiais. Em seguida, os aspectos metodológicos da pesquisa serão abordados. Foram empregadas as técnicas de Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental, Análise de Conteúdo e Análise da Imagem. Finalmente, a análise e as considerações finais concluem este trabalho.

2. JORNALISMO ESPORTIVO

Segundo Mariana Corsetti Oselame (2012), o esporte é uma manifestação cultural democrática e de livre acesso. Apesar de ser mais antigo que o jornalismo, Luis Pozzi e Carlos Henrique V. Ribeiro (2006) destacam que a mídia e o esporte têm uma dependência mútua. Os autores acreditam que a mídia se classifica como a maior responsável pela popularização do esporte, atendendo melhor às demandas de seus dois públicos: os consumidores de esporte (telespectadores e torcedores) e o mercado anunciante, interessado em atingir esses consumidores. Já Melo (2003, apud MORAIS, 2012) explica que o relacionamento entre esporte e mídia só se harmonizou quando o esporte assumiu um caráter coletivo, passando a ser o lazer das massas. Ou seja, o esporte só conseguiu seu lugar nos veículos de comunicação após se tornar uma atividade rotineira para a sociedade.

Borelli (2002, apud MARTINS; OMENA, 2010) afirma que o esporte é fundamental para o jornalismo, principalmente devido ao envolvimento da cultura brasileira com ele. “A medida em que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço” (MARTINS; OMENA, 2010, p. 3). Melo (2003, apud MORAIS, 2012) explica que durante muito tempo a editoria de esporte foi considerada menos importante dentro dos jornais, pois não se julgava sensato, por exemplo, estampar a capa de um jornal com manchetes de competições esportivas. Até que em 1910 o jornal *Fanfulha*, de São Paulo, deu início ao jornalismo esportivo, de fato. De acordo com Coelho (2004), esse jornalismo era diferente da cobertura esportiva dos dias atuais: o jornalismo da época era feito basicamente por breves relatos dos acontecimentos mais relevantes que envolviam os principais clubes de futebol brasileiros.

Melo (2003, apud MORAIS, 2012) destaca algumas funções do esporte para a comunicação: persuadir, informar, instruir e divertir. No aspecto informativo, o esporte é visto como notícia e ocupa um grande espaço nos meios de comunicação, sendo uma editoria importante e relevante para o jornalismo - já que ele foi responsável pela criação de vários jornais e revistas especializados no assunto, assim como programas específicos em canais de TV e Internet. Na forma de persuasão, o esporte pode ser utilizado como propaganda, gerando recursos para a manutenção e expansão dos esportes e de seus agentes. Na função instrutiva, o esporte incentiva a prática de exercícios físicos e hábitos saudáveis. Já como atividade de lazer, o mundo esportivo proporciona diversão e entretenimento tanto para quem comparece aos

estádios, quanto para aqueles que preferem acompanhar pela televisão, o que traz lucro para as empresas de comunicação e seus patrocinadores, incentivando o jornalismo esportivo e o próprio esporte em si.

Para Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006), jornalismo é jornalismo, independente da área de cobertura ou do meio noticioso. Na mesma linha, Alcoba (2005, apud OSELAME, 2012) afirma que o jornalista esportivo é, acima de tudo, um jornalista. Por isso, deve seguir os mesmos princípios técnicos - valores-notícia, critérios de noticiabilidade, interesse público, etc - que os jornalistas de outras editorias seguem. Segundo o autor, esses princípios precisam ser respeitados principalmente pelo fato de os jornalistas esportivos enfrentarem preconceito desde que o esporte se tornou uma editoria em todo meio de comunicação.

Barbeiro e Rangel (2006) afirmam que, na imprensa esportiva, entretenimento e informação são áreas muito próximas, e essa harmonia não é encontrada em nenhuma outra área do jornalismo. Os autores destacam que é preciso ser cauteloso quanto à emoção. Porém, para Leda Maria da Costa (2010), a emoção é o elemento principal na composição da notícia esportiva, pois o tom superlativo do jornalista pode conectar leitor e repórter, fomentando identificação fácil e imediata. A autora ainda enfatiza o papel do entretenimento para o jornalismo esportivo: “[...] grande parte das páginas esportivas se configura como espaços onde a notícia se apresenta como entretenimento, o que significa dizer que seu objetivo principal é divertir, atingindo os sentidos do público” (DA COSTA, 2010, p. 66).

Para entreter seus leitores, uma considerável fração da imprensa esportiva oferece-lhes o espetáculo de conteúdos dramatizados e que visam alimentar suas expectativas e emoção. As motivações mercadológicas, sobretudo, têm feito muitos cadernos esportivos se assemelharem aos antigos folhetins de imenso sucesso de público no final no século XIX. (DA COSTA, 2010, p. 66)

Para Pena (2006, apud MARTINS; OMENA, 2010), quando o jornalismo esportivo extrapola nas adjetivações, extrapola a esfera do jornalismo literário, já que este fomenta os recursos do jornalismo, excede os limites dos acontecimentos cotidianos e proporciona visões amplas da realidade. Sendo assim, o jornalismo esportivo se destina a todos os públicos ao mesmo tempo - estando no limite do entretenimento - e, por isso, utiliza a linguagem mais informal para transmitir a notícia. Segundo Morais (2012), a linguagem seleciona um público específico para este de tipo de jornalismo, e esse é o principal fator que leva leitores para o jornalismo especializado. “[...] que compartilhe as referências empregadas como apelidos de jogadores, nomes de posições e números de camisas, por exemplo” (MORAIS, 2012, p. 102).

Esse modo esportivo de transmitir informações é uma estratégia que, embora aproxime o leitor da notícia, e o faz se identificar com quem a escreve, acaba se distanciando cada vez mais da objetividade que o jornalismo deve ter. Há que ressaltar, contudo, que tem sido uma tática que funciona, pois ao promover a identificação do leitor com o redator, aquele passa a se interessar cada vez mais pelo gênero ao qual ele se simpatiza. (MARTINS; OMENA, 2010, p. 9)

Vemos, portanto, que o jornalismo esportivo tem estreita relação com o entretenimento e a emoção, apesar de que os autores têm divergências quanto ao grau em que este envolvimento deve ocorrer e quanto às consequências disso para o jornalismo.

2.1 COBERTURA ESPORTIVA NA TV

Como o capítulo anterior demonstrou, o esporte enfrentou certa resistência para encontrar seu lugar no jornalismo, mas atualmente já é considerado uma ramo de atuação do jornalista. Visto isso, diante de todas as possibilidades que o jornalismo esportivo oferece para a sociedade, destaca-se a cobertura de TV.

O desenvolvimento da transmissão de televisão teve um grande impacto na forma como os eventos esportivos são vistos em todo o mundo. Enquanto o estádio pode hospedar milhares de espectadores nas arquibancadas, a televisão chega a bilhões de pessoas que não puderam comparecer. A televisão oferece uma perspectiva única não disponível para a maioria dos espectadores nas arquibancadas. Usando tecnologia avançada, equipamentos especializados e técnicas de produção, a transmissão de televisão tornou-se o melhor lugar da casa. (OWENS, 2015, prefácio, tradução nossa²)

Para Owens (2015), os eventos esportivos são as exibições mais populares da televisão. Segundo ele, nos Estados Unidos metade dos programas que possuem as maiores audiências é

² Tradução para “The development of television broadcasting has had a major impact on the way sporting events are viewed around the world. While the stadium can host thousands of spectators in the stands, television broadcasts reach billions more who are unable to attend. Television provides a unique perspective unavailable to most spectators in the stands. Using advanced technology, specialty equipment, and production techniques, the television broadcast has become the best seat in the house. The majority of this coverage occurs through remote television productions.”

de esporte. Oselame (2012) explica que essa popularização do jornalismo esportivo se deve a dois aspectos principais que cativam a audiência: a linguagem informal (mais próxima ao telespectador), e o fato de o esporte ser um tema universal e acessível a todos. Entretanto, vimos no capítulo anterior que a informalidade, quando exagerada, pode ser vista como uma vilã. Barbeiro e Rangel (2006) afirmam que esse fato acontece devido às características próprias da televisão, e pelo fato de que muitas vezes os jornalistas esportivos acreditam que a sua principal missão é emocionar, e não informar. “A cobertura alegre, descontraída, animada, não deveria nunca se confundir com programa humorístico. É um trabalho que é sério sem ser sisudo e respeita as regras do jornalismo como a acurácia” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 94).

Li-Chang Shuen Cristina Silva Sousa (2005) destaca que a televisão sabe ampliar e usar a seu favor as características únicas do jornalismo esportivo. Entretanto, além de sofrer adaptações impostas pelos padrões do telejornalismo, a notícia esportiva se modifica ainda mais para se encaixar aos moldes da emissora que a veicula. Essas mudanças particulares também contribuem para a fusão entre entretenimento e jornalismo. Owens (2015), contudo, defende a seriedade e o profissionalismo da cobertura esportiva, principalmente quando o evento é transmitido ao vivo - o que acontece na maioria das vezes. O “ao vivo” significa que a transmissão e os comentários só serão feitos uma vez, sem retomadas. Para o autor, essa pressão torna o esporte de televisão o mais difícil de produzir, apesar de ser muito versátil, pois a produção esportiva pode ser pequena e limitada, como duas câmeras filmando um jogo de basquete transmitido on-line; ou pode ser grande e significativa, como 400 câmeras focadas nos Jogos Olímpicos.

Owens (2015) explica que existem diferenças entre as coberturas de esportes individuais e em grupo. Nos jogos de time, existe um interesse a mais devido à complexidade que o trabalho em equipe demanda. A maioria dos torcedores quer focar na eficiência dos jogadores que carregam o time, e isso desperta a atenção do telespectador. Assim, o jogo em equipe demanda que o diretor entenda a complexidade do jogo e do time em questão. Já nos esportes individuais existe uma grande oportunidade para o diretor explorar o emocional do atleta. O autor ainda explica que é mais fácil para os telespectadores se identificarem com um jogo que tem outro jogador como oponente, a exemplo do tênis; que em uma competição consigo mesmo, como o golfe.

De acordo com Sousa (2005), apesar de toda a mídia trabalhar na cobertura dos eventos esportivos, é a televisão que move a grande maioria da população a se interessar pelas competições, principalmente no Brasil. A autora afirma que o modelo atual de cobertura enfatiza bastante os bastidores: não se faz mais jornalismo esportivo só com resultados. É

preciso mostrar os jogadores, os diferentes ângulos de uma jogada e o processo final da edição (que determina o efeito que a notícia pode ter sobre a audiência), pois esses elementos passaram a fazer parte da matéria básica da mídia esportiva.

O brasileiro é motivado a acompanhar os boletins com o resumo das notícias da delegação nacional, dos principais favoritos às medalhas e títulos, dos rivais e mais ainda para conhecer as últimas novidades sobre as estrelas dos torneios (SOUSA, 2005, p. 101)

Para Silveira (2009), a transmissão do jogo e a narração do mesmo não são suficientes, é preciso buscar elementos que possam incrementar a cobertura televisiva. Entrevistas pré e pós-jogo, informações históricas, dados, diferentes perspectivas, preparação dos atletas e história do confronto são alguns dos assuntos que podem ser explorados. É necessário que o profissional de comunicação esteja preparado para a cobertura, e, de preferência, seja um especialista na área, para que ele passe credibilidade ao telespectador - apesar de ser impossível ser especialista em todas as modalidades. A autora ainda ressalta que muitas vezes jornalistas perdem espaço para ex-atletas, técnicos e personagens importantes do esporte, pois essas personalidades são mais atrativas e, algumas vezes, mais especializadas no assunto.

2.2 ENTREVISTAS NO JORNALISMO ESPORTIVO

Esclarecidas as propriedades do jornalismo esportivo, é preciso entender as particularidades das entrevistas deste meio. Para Owens (2015), uma boa entrevista é similar a uma conversa entre amigos, mas sempre direta ao ponto. O repórter deve ter em mente que o controle da entrevista está sempre em suas mãos, pois é ele que determina o andamento da conversa. Para isso, é preciso que o jornalista se prepare: ele deve pesquisar tudo que puder sobre o entrevistado e sobre o esporte, pois qualquer informação pode ajudar para o sucesso da entrevista. E isso não diz respeito só ao jornalismo esportivo: segundo Cleide Floresta e Ligia Braslauskas (2009), um repórter bem preparado está propenso a conseguir boas entrevistas, mesmo que não seja um especialista no assunto - seja ele qual for. Sendo assim, pesquisar sobre o entrevistado e sobre o assunto da matéria não é apenas uma conveniência, mas uma condição para se realizar uma boa entrevista.

Floresta e Braslauskas (2009) explicam que é a curiosidade que move o repórter, então é necessário que ele escute atentamente o seu entrevistado. Além disso, Owens (2015) destaca que é interessante fazer perguntas inteligentes e bem elaboradas, mas é necessário que o repórter lembre-se que o foco é o atleta, não ele mesmo. “Os atletas apreciam o fato de você ter feito sua lição de casa e fazer perguntas inteligentes, mas não querem ouvir você mostrar sua experiência” (OWENS, 2015, p. 186, tradução nossa³).

Coelho (2003) afirma que um dos melhores momentos para se conseguir uma boa entrevista é no centro de treinamento dos atletas. Segundo ele, na saída do treino muitos jogadores apresentam um comportamento amigável com as emissoras de TV: sorriem, são solícitos, brincam diante das câmeras. Para uma entrevista satisfatória é preciso estabelecer uma boa relação com a fonte, e esse cenário descontraído de pós-treino é uma ótima oportunidade para questionar tudo o que for possível e conseguir informações em primeira mão. Entretanto, o autor adverte que a relação entre fonte e jornalista deve ser de cumplicidade, e não de favores. Também é preciso tomar cuidado para não se queimar com a fonte. “Algumas vezes, a fome pelo furo leva o repórter a mudar um pouco o teor da entrevista. Não por má-fé. Uma simples palavrinha, no entanto, pode alterar todo o significado de uma frase” (COELHO, 2003, p. 73).

Silveira (2009) ressalta que em entrevistas coletivas o jornalista precisa estar preparado e atento com a concorrência, já que a sua pergunta pode ser feita por outro repórter ali presente. Por isso, Owens (2015) aconselha que os jornalistas escrevam suas perguntas e lembretes em uma folha em branco, para que nada passe batido. Quando a entrevista for exclusiva e já estiver programada é preciso compor o ambiente: garantir espaço suficiente e prestar atenção no cenário - sempre procurando elementos que possam incrementar algo para a entrevista. Ou seja, é preciso que o cenário faça referências ao atleta, esporte ou ao evento que está sendo realizado.

A chave para uma boa entrevista é encontrar as coisas que não são tão óbvias. Os entrevistadores devem se esforçar para obter respostas que nos dizem algo que não sabemos ou algo que adiciona um nível de profundidade à cena. (Coleman; Schultz apud OWENS, 2015, p. 184, tradução nossa⁴).

³ Tradução para “Experts appreciate that you have done your homework and can ask intelligent questions, but they don't want to hear you show off your expertise”

⁴ Tradução para “The key to good interviewing is to find the things that aren't so obvious. Interviewers should strive to get responses that tell us something we don't know or something that adds a level of depth to the scene.”

Owens (2015) explica que uma maneira de encontrar elementos para realizar uma boa entrevista é debater com torcedores, os demais jornalistas, o produtor, entre outros. Quanto mais pessoas e opiniões, mais perspectivas o repórter terá e, conseqüentemente, estará mais informado sobre o jogo. O autor ainda destaca que é preciso ter cautela com o emocional do atleta, sendo importante não criar heróis e vilões: “Fale sobre as grandes jogadas, e não se esqueça de debater o que as ocasionou. Quem foram os jogadores de apoio?” (OWENS, 2015, p. 187, tradução nossa⁵). É preciso criar uma boa relação com todos os jogadores e com o técnico, sendo sempre gentil e educado - afinal, eles sabem mais sobre o esporte que o jornalista, então é interessante tê-los como aliados.

⁵Tradução para “Talk about the big planes, but do not forget to discuss what led up to them. Who were the playmakers?”

3. VALOR NOTÍCIA

Não é difícil compreender a importância do valor-notícia para a Comunicação. Nelson Traquina (2005) explica que os valores-notícia são um aspecto fundamental da cultura profissional. Bourdieu (1997, apud TRAQUINA, 2005) defende que esses valores servem como óculos particulares dos jornalistas, onde é feita uma seleção e uma construção do acontecimento. Mauro Wolf (2003), por sua vez, afirma que os valores-notícia fazem parte da produção jornalística desde o processo de seleção dos fatos até a elaboração da notícia.

A visão que os jornalistas apresentam desta questão - o que é notícia? - é simultaneamente simplista e minimalista: a) simplista porque, segundo a ideologia jornalística, o jornalista relata, capta, reproduz ou retransmite o acontecimento. Segundo a metáfora dominante no campo jornalístico, o jornalismo é um espelho que reflete a realidade. O jornalista é simplesmente um mediador; e b) minimalista porque, segundo a ideologia dominante, o papel do jornalista como mediador é um papel reduzido. Aliás, é significativo que, habitualmente, os jornalistas sejam relutantes em reconhecer ou assumir a importância e a influência do seu trabalho. (TRAQUINA, 2005, p. 62).

Mas John Hartley (2001, apud TRAQUINA, 2005) enfatiza que esses valores não são nem naturais, nem imparciais, e sim um “código ideológico”. Wolf (2003) determinou duas classificações para os valores-notícia: de seleção e de construção. Os valores notícia de seleção são divididos em dois sub-grupos: critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do fato, considerando sua importância ou interesse como notícia (notoriedade, proximidade, relevância, tempo, notabilidade, inesperado, conflito e infração); e critérios contextuais, que pertencem ao contexto de produção da notícia (disponibilidade, equilíbrio, visualidade e concorrência). Já os valores-notícia de construção avaliam os critérios de seleção dos elementos dentro do fato que possuem potencial e relevância para serem incluídos na elaboração da notícia. São eles: simplificação, amplificação, relevância, personalização e consonância.

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. [...] Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção

jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos. (WOLF, 2003, p. 203).

Aprofundando-se mais sobre os estudos de valor-notícia, é possível perceber que é preciso entender os critérios de noticiabilidade. Traquina (2005) explica que esses critérios são o conjunto de valores-notícia que decidem se um acontecimento é digno de virar notícia e, por isso, possui o valor-notícia. Para o autor, a sociedade tem uma visão negativa do mundo devido a essa dupla. O jornalismo é muito criticado pela quantidade de “notícias ruins” que são veiculadas na mídia. O que muitos não sabem, entretanto, é que essas notícias passam por uma análise para ser, de fato, divulgadas. Essa análise passa pelo valor-notícia, que, por sua vez, depende dos critérios de noticiabilidade para existir. “É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia” (WOLF, 2003, p. 97).

Lorenzo Gomis (2002) relata que existem dois adjetivos frequentemente usados em uma redação quando se escolhe e publica algo considerado notícia: importante e interessante. Segundo o autor, se os jornalistas divulgam um fato que é importante, estão prestando um serviço para a comunidade. Se comunicam algo interessante, venderão mais jornais, ou conseguirão mais audiência. Portanto, ele defende que o fato de um acontecimento ser importante e interessante o faz notícia. Ou seja, esses dois adjetivos também podem ser usados como valores-notícia em uma redação. “O importante é o que todos devemos saber; o interessante é aquilo que é agradável conhecer” (GOMIS, 2002, p. 1). Para o autor, um modo de mensurar o nível de interesse é a partir dos comentários e dos efeitos da notícia. Portanto, o que faz com que os veículos considerem um fato mais noticiável que outro é a sua capacidade de provocar mais fatos.

A notícia está submetida a acerto e erro. Não me refiro aqui à exatidão do fato que se difunde como notícia, mas ao acerto ou erro de ter escolhido aquela notícia para publicá-la ou talvez para destacá-la. Um jornal pode acertar ao dar uma notícia ou pode equivocar-se. O acerto ou o erro são determinados pelo o que fazem os demais meios com os quais compete porque disto depende a repercussão ou não da notícia. Acerto ou erro de um jornal podem ser julgados ainda pelo seu próprio conteúdo. Uma notícia que não teve nenhuma repercussão nos dias seguintes em nosso próprio diário não merecia ter sido publicada porque ninguém fez nada como consequência, nem tampouco provocou

nenhum comentário, a tal ponto que nós possamos acreditar que valeu a pena classificá-la como notícia. (GOMIS, 2002, p. 1)

Ainda levando em conta o dia-a-dia de uma redação, Gislene Silva (2005) explica que a seleção de notícias possui algumas etapas. Primeiro, na seleção primária, são escolhidos acontecimentos para se noticiar - aqui os valores-notícia são utilizados e avaliados. Depois, entre os escolhidos será preciso decidir novamente quais deles merecem mais destaque. Ou seja, é feita uma hierarquização. Além disso, a autora defende que, na escolha do que é ou não notícia, outros fatores também são levados em conta, como formato do produto, qualidade da imagem, linha editorial, custo, público alvo, entre outros.

Wolf (2003) concorda com essa explicação ao afirmar que o produto informativo é o resultado de uma série de negociações que decidem o que será ou não inserido no veículo de comunicação. Em acordo com os autores supracitados, Wolf defende que essas negociações são feitas pelos próprios jornalistas, que consideram o valor-notícia, os critérios de noticiabilidade e, além disso, a importância e rigidez do acontecimento. Já o britânico Stuart Hall (1993, apud TRAQUINA, 2005) acredita que os valores-notícia são um “mapa cultural” do mundo social. Segundo ele, se os jornalistas não utilizassem o critério de valor-notícia, não poderiam tornar perceptíveis às suas audiências os acontecimentos invulgares e imprevisíveis que ajudam a formar o conteúdo do que é noticiável.

3.1 SELEÇÃO DA NOTÍCIA NO JORNALISMO ESPORTIVO

Entendido o que é valor-notícia, é preciso compreender os critérios de noticiabilidade para o jornalismo esportivo. Coelho (2004) afirma que a própria competição esportiva é a notícia em si. “Nenhuma matéria está assim tão escancarada diante do jornalista quanto o evento esportivo. E, no entanto, é a matéria jornalística o que menos aparece em uma transmissão” (COELHO, 2004, p. 64). Afinal de contas, a reportagem, com suas observações e críticas sobre a partida, vem sempre em segundo plano, após a transmissão do jogo. Para Cicélia Pincer Batista (2008), independente do resultado do jogo, a chave para uma reportagem de qualidade é o planejamento da cobertura. Segundo ela, o planejamento estabelece parâmetros de ação que orientam a elaboração de uma pauta, sendo um momento decisivo na construção de um acontecimento esportivo que possui valor-notícia.

Evidencia-se, portanto, que a noticiabilidade contemporânea pressupõe e requer, cada vez mais, um elevado grau de integração e consonância entre o acontecimento e as condições tecnológicas, financeiras, profissionais e editoriais que marcam o cotidiano do fazer jornalístico (BATISTA, 2008, p. 12).

Coelho (2004) observa que, muitas vezes, as redações entendem que é preciso investir no diferencial. É comum a divulgação de informações que interessam ao torcedor, mas que não são notícia. Ou seja, “informações de importância duvidosa” (2004, p 78). Para o autor, um dos segredos para sair da mesmice é procurar uma sequência de grandes informações exclusivas, pois elas são muito mais importantes e relevantes, apesar de serem extremamente difíceis de se alcançar. Uma maneira de conseguir essas informações privilegiadas seria através da fonte. Porém, conseguir um furo no jornalismo esportivo é uma tarefa desafiadora. “O furo depende de fonte e não há repórter que consiga fontes em dez lugares diferentes ao mesmo tempo” (COELHO, 2004, p. 77).

Sendo assim, o jornalismo esportivo possui um grande dilema: como dar informações comuns, de uma forma diferenciada? A notícia precisar ir além de uma boa análise: é necessário uma pauta inteligente, entender os detalhes dos acontecimentos, ir além do fato. “Pauta é a ideia que pode ou não ser executada” (COELHO, 2004, p. 81). O autor explica que criatividade e disciplina são fatores indispensáveis na elaboração de uma pauta.

Criar pauta inteligente uma vez não é o problema. A dificuldade consiste em convencer as redações de que esse esforço é definitivo. Que deve ser feito todos os dias, para que se leve a melhor sobre noticiaristas de plantão, que julgam ser mais importante dar a notícia, mesmo que o leitor já tenha tomado conhecimento dela na véspera. [...] Mas não basta vencer os noticiaristas. É preciso disciplina para pensar na melhor pauta todos os dias. Para buscar um ângulo diferente para enxergar diariamente o mesmo fato. Geralmente a notícia vence pelo cansaço. A boa pauta aparece num dia e desaparece no outro, sem ninguém notar. Porque exige esforço cotidiano até dos profissionais mais criativos. (COELHO, 2004, p. 80).

Batista (2008) cita outro fator determinante na construção da noticiabilidade: o conhecimento que os profissionais da comunicação possuem sobre o assunto. Sendo assim, ela defende que é necessário que o jornalista se prepare para o evento. Segundo a autora, essa preparação geralmente “[...] é iniciativa do profissional e é feita de maneira informal e

decorrente da própria vivência na cobertura setorizada: o acesso a outros veículos de informação, a pesquisa constante e o contato com outros colegas e mesmo com as fontes” (BATISTA, 2008, p 10). Mário L. Erbolato (1981) também afirma que é necessário conhecer as regras e regulamentos dos esportes, e, além disso, é preciso estar a par de tudo que envolve o universo esportivo, pois fatos esquecidos podem ser a chave para uma boa notícia. “Aplicando-se as regras gerais sobre entrevista, reportagem, redação e diagramação, pode uma seção esportiva abordar aspectos variadíssimos, dependendo da orientação da editoria e da produção” (ERBOLATO, 1981, p. 14).

Oselame (2012) destaca que o enquadramento da notícia varia de acordo com o meio em que os fatos são divulgados (rádio, televisão, impresso ou internet) e de acordo com a linha editorial de cada veículo. “O noticiário pode, dessa forma, se restringir aos resultados dos principais campeonatos de futebol ou, então, abranger acontecimentos de outros esportes, bem como seus aspectos sociais, econômicos e culturais” (OSELAME, 2012, p. 89). A autora ainda afirma que, principalmente na televisão, a supremacia da lógica comercial ofusca os critérios jornalísticos. Muitas vezes, na escolha do que será retratado, as notícias da casa ganham destaque, como na situação dos campeonatos que a emissora possui os direitos de transmissão. Além disso, Oselame ainda destaca o fator audiência: vira notícia o que os telespectadores desejam ver na televisão. Logo, predomina o interesse do público, não o interesse público.

4. JORNALISMO EM MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Para dar início a este capítulo, é importante entender o termo “megaeventos”. Colin Michael Hall (2006, apud TAVARES, 2011) explica que os megaeventos se baseiam em grandiosidade: de público, mercado alvo, envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, cobertura midiática, construções de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social do país anfitrião. Para Da Costa (2008, apud TAVARES, 2011), o que define se um evento é mega ou não é o número de participantes. Partindo deste pressuposto, Otávio Tavares (2011) afirma que muitos eventos se encaixam nessa categoria, como o carnaval brasileiro, as corridas de Fórmula 1, Jogos Mundiais Universitários e, é claro, os Jogos Olímpicos. Sendo assim, os grandes eventos não são necessariamente esportivos, apesar de que, no senso comum, o termo megaevento é frequentemente utilizado como um sinônimo de grandes competições esportivas:

Uma abordagem dedutiva a partir do que tem sido publicado na mídia em geral indica que têm sido chamados de megaeventos esportivos competições internacionais que reúnem um número de atletas que atinge a casa dos milhares em um espaço de tempo de um mês, no máximo, com potencial de impacto em diferentes setores da sociedade e que possui significativa carga simbólica. (TAVARES, 2011, p. 16)

Anderson Gurgel Campos (2009) afirma que os megaeventos esportivos adquirem papéis estratégicos na mídia, pois retratam muitas cenas esportivas espetaculares - o que é um grande desafio para o jornalismo esportivo. Sendo assim, o esporte se consolida como fórmula fundamental da indústria cultural do entretenimento nos veículos de comunicação. Para Bourdieu (1997, apud CAMPOS, 2009) os megaeventos esportivos, mais especificamente as Olimpíadas e Copas do Mundo, produzem um espetáculo de duas maneiras: a primeira mobiliza agentes, atletas, treinadores, médicos, juízes e etc, que trabalham para o sucesso da competição esportiva nas arenas; e a segunda que estimula todos que trabalham com reprodução de imagens e discursos - ou seja, a mídia - os quais ficam constantemente sob diferentes pressões, entre elas a concorrência.

Campos (2012) ainda realça que é preciso privilegiar a complexidade envolvendo o tema, os agentes e os contextos em que o esporte se inclui no cotidiano dos brasileiros.

Com os megaeventos esportivos, o jornalismo esportivo é muito mais que fazer cobertura dos esportes no seu momento de realização das partidas e torneios. Isso precisa ser revisto nas pautas da área, sob risco de um maior enfraquecimento do mundo jornalístico ante aos interesses do entretenimento e do marketing, atualmente bastante avançados e convergentes na área de comunicação. (CAMPOS, 2012, p. 13)

Sendo assim, o autor afirma que o jornalismo esportivo deve privilegiar a complexidade dos megaeventos esportivos, sempre buscando pautas diferentes e maneiras inovadoras para cobrir o evento. “Um jornalismo mais engajado e propositivo pode ser um caminho interessante para se ‘cobrir’ os megaeventos esportivos que se apresentam ao Brasil” (CAMPOS, 2012, p. 14).

4.1 COBERTURA DAS OLIMPIADAS

Como visto no capítulo anterior, um dos mais famosos e relevantes megaeventos esportivos são os Jogos Olímpicos. De acordo com José da Silva (2005), as Olimpíadas envolvem o mais elevado nível da organização esportiva, assim como a Copa do Mundo. Realizadas de quatro em quatro anos, as Olimpíadas de Verão contam com cerca de 17 mil atletas, 13 mil jornalistas/dirigentes/árbitros e 3 bilhões de telespectadores. Emilio Fernández Peña (2009) afirma que os Jogos Olímpicos são um fenômeno cultural, social e midiático formado pela mídia, Comitê Olímpico Internacional, as cidades-sede, espectadores, telespectadores e atletas.

Para Romero (apud OWENS, 2015), a chave para o sucesso da cobertura de megaeventos esportivos é o empenho da equipe de produção. Muitos fatores podem interferir na cobertura olímpica, como o tempo, iluminação, sons naturais, entre outros. Portanto, a equipe precisa estar preparada para lidar com imprevistos.

O processo de cobertura dos Jogos Olímpicos começa muito antes do evento em si. Campos (2012) destaca que a definição da cidade-sede já é considerada um grande evento. A cerimônia de escolha da cidade-sede, eventos-teste das dezenas de modalidades, revezamento da Tocha Olímpica e as ações e acontecimentos que ocorrem na cidade escolhida já são fatores que precisam de uma atenção especial da imprensa.

Campos (2012) destaca o fato de que, quando o país sedia um megaevento esportivo as “notícias mais importantes do dia” deixam de ser a realidade das redações, já que os assuntos

que antes se encaixavam perfeitamente em Internacional, Cidades, Esportes e Economia ganham contornos mais complexos. “[...] estamos em um campo onde as práticas esportivas são apenas parte do que está em jogo: negócios, política, tecnologia, turismo, entretenimento, entre outros elementos também fazem parte desse composto do esporte espetáculo atual” (CAMPOS, 2012, p. 9).

O autor ainda afirma que é necessário usar a internet a favor da cobertura, e não tratá-la como vilã. Peña (2009), porém, admite que essa nova mídia pode ser uma ameaça aos veículos que possuem os direitos autorais dos Jogos Olímpicos, já que a criação de conteúdo é facilitada pelas redes sociais. Campos (2012) concorda que o cenário olímpico já começou a mudar devido à internet, mas ressalta que, independentemente da existência dela ou não, a solução para uma boa cobertura jornalística de um megaevento esportivo é um jornalismo mais engajado e propositivo.

4.2 ZONA MISTA

Como vimos nos capítulos anteriores, é fundamental que o jornalista se prepare para realizar uma boa entrevista, e, mais do que isso, é necessário que toda a equipe de produção se empenhe na cobertura do megaevento para se fazer um bom trabalho. Esses dois fatores são essenciais para a Zona Mista, que, como explica Owens (2015), é uma área de entrevista localizada entre a região de competição e os vestiários dos atletas. Essa zona permite que a imprensa de transmissão (radiofônica e televisiva) e impressa consigam uma entrevista imediatamente pós-competição. Segundo o Manual de Operações da Zona Mista da Rio 2016, feito pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), a Zona Mista é uma parte fundamental das Olimpíadas, tanto para atletas quanto para a mídia.

O COI explica que a Zona Mista é separada em duas áreas: seção de transmissão e seção de impresso. Essa divisão é feita para que as entrevistas sejam realizadas nessa ordem: primeiro, os veículos de transmissão, e depois, veículos impressos. A primeira seção é dividida em duas partes: posições reservadas e *Electronic News Gathering* (ENG⁶). As posições reservadas ficam mais perto do atleta - é o primeiro local que ele passa quando acaba a competição. Esse lugar é pago pelas emissoras, e cada uma tem um local exclusivo, dividido

⁶Tradução para União de Notícias Eletrônicas.

igualmente. Porém, os veículos televisivos possuem espaços maiores que os de rádio, mas somente devido à quantidade de equipamentos que a TV demanda. A ENG é reservada para qualquer emissora de transmissão que tenha direitos autorais para cobrir as Olimpíadas. Não é preciso pagar para ter acesso à essa seção. Além disso, nesta parte não existe divisão de espaço entre as emissoras, portanto os jornalistas podem se posicionar onde desejarem. Por fim, existe a seção de impresso, que é reservada, logicamente, para a mídia impressa. É a última área a ter acesso aos atletas⁷.

Ainda segundo o COI, todos os atletas devem passar pela Zona Mista ao saírem da competição, porém não são obrigados a participar das entrevistas. É recomendado que os jornalistas respeitem o estado emocional do atleta, pois eles enfrentam extremos de emoção ou fadiga após as disputas. O COI também frisa que os atletas devem respeitar a mídia, pois ela “[...] tem um papel importante a desempenhar na divulgação de suas façanhas e seu esporte” (Comitê Olímpico Internacional, 2016, p. 1, tradução nossa⁸). Os treinadores de esportes em equipe também passam pela Zona Mista e, assim como os atletas, podem conceder entrevistas para a imprensa.

Segundo o COI, as entrevistas feitas na Zona Mista precisam ser rápidas e precisas, porque os atletas precisam passar por todos os veículos de comunicação e dar o máximo de entrevistas possível. Porém, caso poucas mídias desejem entrevistar o atleta, é possível que ele fique mais tempo com determinados veículos. Isso acontece porque muitas vezes o interesse é mais forte por parte dos veículos de mesma nacionalidade do atleta.

Owens (2015) adverte que, devido à quantidade elevada de repórteres envolvidos, nem sempre conseguir uma entrevista é fácil, principalmente na posição ENG. Por isso, apesar de o tempo ser curto e a concorrência maior ainda, é preciso que o repórter saiba fazer uma boa entrevista.

⁷ Informação verbal dada por Caroline Brillet, gerente adjunta de coordenação de transmissão da Olympic Broadcast Services para Atletismo nas Olimpíadas Rio 2016.

⁸ Tradução para “[...] have an important role to play in publicising their exploits and their sport”.

5. METODOLOGIA

Percebemos, ao longo deste trabalho, que a cobertura esportiva é uma área importante para o jornalismo. Apesar disso, esse segmento ainda não teve todos os seus ramos estudados e avaliados, como é o caso da Zona Mista. Como visto no capítulo anterior, existem poucas definições e explicações sobre essa área. Logo, o objetivo deste estudo é trazer uma análise mais aprofundada sobre a Zona Mista. Para isso, foram escolhidas para compor essa análise as entrevistas realizadas pelo canal SporTV na Zona Mista dos Jogos Olímpicos Rio 2016. É importante ressaltar que só foram analisadas as entrevistas disponibilizadas no site do canal.

Entre o universo de estratégias metodológicas, os procedimentos escolhidos para este estudo foram Pesquisa Bibliográfica, Análise Documental, Análise de Conteúdo e Análise da Imagem. Além disso, o conteúdo selecionado foi estudado qualitativamente e quantitativamente, a fim de compreender algumas características e particularidades da Zona Mista.

A Pesquisa Bibliográfica foi a primeira técnica utilizada para realizar este trabalho de conclusão de curso. Ida Regina C. Stumpf (2011) afirma que esse método é a etapa inicial de qualquer trabalho de pesquisa, sendo um “[...] conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos [...]” (STUMPF, 2011, p. 51). Resultaram dessa fase três capítulos e cinco subcapítulos deste trabalho. A segunda técnica metodológica utilizada foi a Análise Documental.

Sonia Virgínia Moreira (2011) explica que, como o próprio nome diz, a Análise Documental abrange a verificação, identificação e apreciação de documentos para um propósito. Geralmente as fontes desse método são de origem secundária - mídia impressa e eletrônica - as quais estabelecem conhecimento, dados ou informação já reunidos e organizados. Laurence Bardin (1977) ressalta que essa metodologia é um conjunto de operações que propõe representar o documento de uma maneira distinta da forma original, para que, assim, a consulta e referência sejam facilitadas.

A análise documental permite passar de um documento primário (em bruto), para um documento secundário (representação do primeiro). (...) por exemplo a indexação, que permite, por classificação em palavras-

chave, descritores ou índices, classificar os elementos de informação dos documentos, de maneira muito restrita. (BARDIN, 1977, p. 46)

Dito isto, essa pesquisa usou o artifício “palavras-chave” para determinar o seu *corpus* de estudo. Ao entrar no site oficial do SporTV, existe uma área exclusiva das Olimpíadas Rio 2016. Mais especificamente ainda, a plataforma possui a categoria “Vídeos Rio 2016”, que contém todos os vídeos publicados no portal do SporTV com conteúdos diversos sobre os jogos olímpicos, tais como jogadas de destaque, entrevistas, comentários, análises de competições, entrevistas na Zona Mista, entre outros.

Em uma primeira observação dos inúmeros vídeos disponíveis no canal, percebeu-se que as entrevistas realizadas na Zona Mista tinham palavras específicas em seus títulos. São elas: fala (13), comenta (23), emocionado(a) (2), e afirma (3); totalizando 41 entrevistas feitas na Zona Mista disponibilizadas no site do SporTV com o uso das palavras-chave escolhidas para selecionar o material. É importante ressaltar que nem todos os vídeos que apareceram ao procurar essas palavras-chave eram entrevistas de Zona Mista. Por isso, foi realizada a análise de imagem das entrevistas para classificá-las como de Zona Mista.

Para Coutinho (2011), a análise de imagem entende as mensagens visuais como produtos comunicacionais, principalmente aquelas inseridas em meios de comunicação de massa, entre elas as imagens difundidas pela televisão ou disponíveis na internet. “A imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade” (Neiva Jr., 1986, apud COUTINHO, 2011, p. 331). A autora explica que o processo de análise de imagem necessita de algumas etapas: a leitura, a interpretação e a conclusão final. Ela ainda destaca a diferença entre percepção e interpretação - a primeira se relaciona com as reações do sistema individual de cada pessoa, que localiza certas regularidades nos fenômenos luminosos; e a segunda seria a leitura dessa percepção.

O aspecto utilizado na análise da composição das imagens deste trabalho foi a relação fundo/figura em uma cena. Foram consideradas as relações do primeiro e do segundo plano, a fim de encontrar informações importantes e relevantes para o estudo: neste caso, foram analisadas características visuais que configuram a Zona Mista (tanto as posições reservadas quanto ENG). Além disso, a fala também foi um fator decisivo para esta análise. Segundo Tânia Souza (1988, apud COUTINHO, 2011, p. 334) embora não exista uma correlação da imagem com o verbal, isso não representa um empecilho à leitura da imagem.

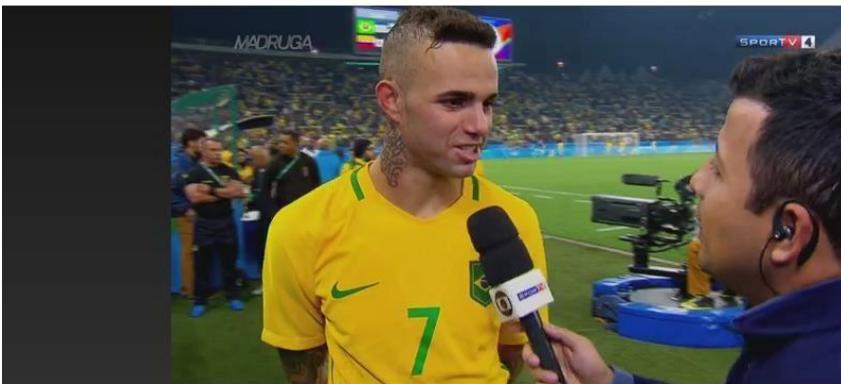
A opção por observar ou enfatizar uma ou mais características da imagem na análise está diretamente relacionada aos objetivos do projeto, às questões de pesquisa, assim como a própria seleção dos registros visuais a interpretar, procedimento fundamental nesse tipo de metodologia. (COUTINHO, 2011, p. 339).

A seguir seguem dois exemplos de entrevistas analisadas:

Figura 1 - Luan fala da importância de Neymar no Time Brasil

Luan fala da importância de Neymar no Time Brasil

MAIS INFORMAÇÕES | [Tweetar](#) [G+](#) [Curtir 0](#)



Fonte: (SporTV, 2016)

Figura 2 - Robson Conceição fala da infância difícil e quer carro de bombeiro em Salvador para festa

Robson Conceição fala da infância difícil e quer carro de bombeiro em Salvador para festa

MAIS INFORMAÇÕES | [Tweetar](#) [G+](#) [Curtir 0](#)



Fonte: (SporTV, 2016)

O primeiro aspecto observado para realizar a Análise da Imagem foi identificar os dois tipos existentes de áreas da Zona Mista. A Figura 1 diz respeito à posição reservada, sendo possível perceber isto devido ao fundo da imagem. Como explicado no capítulo anterior, esta posição é o primeiro local que o atleta passa após a competição. Sendo assim, ela tem como fundo o local da partida, pois se encontra muito próxima à arena - na imagem, é possível ver o campo de futebol atrás do entrevistado.

Já a Figura 2 mostra a posição ENG, reservada para qualquer emissora que tenha permissão para cobrir os Jogos Olímpicos. É possível perceber isto devido ao fundo da imagem: atrás do atleta se encontra a lona das Olimpíadas. Como a ENG se encontra depois das posições reservadas, esses jornalistas não têm acesso à arena. Além disso, nesta segunda imagem é possível perceber que o repórter se encontra livre, não havendo divisão de espaço entre os veículos da imprensa, como existe na área de posição reservada.

Também podem ser analisados o estado físico e emocional do atleta. No primeiro, são observados aspectos como suor, respiração (muitos ficam ofegantes) e o uniforme que ele usa - que caracteriza seu esporte e país. O emocional é observado por meio da fala e da expressão: os atletas concedem entrevistas imediatas após a competição, então muitos se encontram emotivos, e é possível perceber isso por esses dois elementos.

Por fim, chegamos ao método Análise de Conteúdo. Bardin (1977) afirma que essa metodologia é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que tem como objetivo interpretá-las. “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31).

A autora explica que, para que a análise seja válida, ela precisa ser dividida em categorias, as quais devem seguir as seguintes regras: precisam ser homogêneas, exaustivas, exclusivas, objetivas, adequadas ou pertinentes. Esse modelo se chama análise categorial, a qual será usada neste trabalho. A análise foi feita segundo três critérios: Nacionalidade, Influência e Resultado. Cada item foi classificado em duas categorias: para Nacionalidade, brasileiro e estrangeiro; para Influência, maior e menor interesse de pesquisa do grande público; e para Resultado, vitória ou derrota. Deste modo, o material foi analisado através destas três classificações, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido.

Para realizar a análise dos vídeos de acordo com os três critérios foi preciso fazer uma pesquisa quantitativa. Assim, a autora separou numericamente o seu material de estudo dentro das categorias para que a pesquisa qualitativa pudesse ser feita. Os critérios Nacionalidade e

Resultado foram simples de contabilizar, bastou assistir aos vídeos e perceber se o atleta era brasileiro ou não (para Nacionalidade) e se ele tinha ganhado ou perdido (para Resultado). No entanto, o critério Influência foi apurado de uma maneira diferente. Para poder entender a popularidade do atleta em questão, a autora usou a ferramenta *Google Trends*, para poder estimar o quanto aquele atleta foi pesquisado durante o período das Olimpíadas Rio 2016.

Sendo assim, o período avaliado foi de 05/08/2016 a 21/08/2016, somente no Brasil, na categoria Esportes. O *Google Trends* pinta de azul - numa graduação que varia entre claro e escuro - os estados onde o atleta foi pesquisado. Para efeitos de nossa pesquisa, adotamos como atletas de “maior interesse de pesquisa pelo grande público” aqueles que foram pesquisados em 70% dos estados, ou seja, 18,9 estados, número que foi arredondado para 19. Os atletas que foram pesquisados em menos de 70% foram considerados de “menor interesse”.

Abaixo seguem dois exemplos de interesse de pesquisa. Na Figura 3 a autora pesquisou o tenista Rafael Nadal, que teve um significativo interesse de busca em todos os estados. Já na figura 4 foi pesquisado o jogador brasileiro de polo aquático Felipe Perrone, que só teve interesse de pesquisa em três regiões do Brasil.

Figura 3 - Interesse por sub-região



Fonte: (*Google Trends*, 2017).

Figura 4 - Interesse por sub-região



Fonte: (Google Trends, 2017).

Vale ressaltar ainda que, para o sucesso do estudo, foi considerado todo o conteúdo da entrevista, mas não do vídeo em si. Isso significa que muitas vezes o vídeo disponibilizado no site continha outros conteúdos em seu material, não só a entrevista feita na Zona Mista. Em muitos vídeos os âncoras do jornal apareciam debatendo entre si sobre a competição (que tinha acabado pouco antes). Sendo assim, muitos ex-atletas, outros jornalistas e até o jornalista que estava na Zona Mista conversavam com os apresentadores. No entanto, como esse estudo é a proposta de uma análise de entrevistas realizadas na Zona Mista, todo o material que não dizia respeito a esse aspecto foi ignorado. A análise é referente somente ao tempo que o atleta se encontra com o repórter nessa área específica.

6. ANÁLISE

Conforme dito anteriormente, a análise deste trabalho consiste em entender e identificar as particularidades e características da Zona Mista. Para isso, foram selecionadas 41 entrevistas feitas na Zona Mista das Olimpíadas Rio 2016 disponibilizadas no site do SporTV, com o uso das palavras-chave “fala”, “comenta”, “emocionado” e “afirma”. Para analisar o material foram estabelecidas três categorias: Nacionalidade (brasileiro e estrangeiro); Influência (maior e menor interesse de pesquisa do grande público); e Resultado (vitória, derrota ou não decisiva).

Vale ressaltar que, dentre o universo de 41 vídeos analisados, 5 deles são com atletas repetidos - ou seja, deram mais de uma entrevista. Com isso, foi constatado que:

Vídeo	Nacionalidade	Influência	Resultado
Kerry Walsh e April Ross falam sobre vitória sobre a Austrália no vôlei de praia	Estrangeiras	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva
Djokovic fala em entrevista exclusiva ao SportTV	Estrangeiro	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Raulzinho fala sobre mudança de postura do Brasil apesar da derrota na estreia	Brasileiro	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva
Flávia Saraiva fala sobre a emoção de participar da sua primeira Olimpíada	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Felipe Perrone da seleção de polo aquático da vitória sobre Sérvia	Brasileiro	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva

Rafael Nadal fala após vitória sobre francês	Estrangeiro	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Luan Fala da importância de Neymar no time Brasil	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Renato Augusto fala da emoção em disputar semi no Maracanã	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Marta fala sobre perda de pênalti e classificação brasileira	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Andy Murray bicampeão olímpico fala que esta é a melhor temporada da carreira	Estrangeiro	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Robson Conceição fala da infância difícil e quer carro de bombeiro em Salvador para festa	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Manu Ginobili fala da importância do basquete e da emoção da festa da torcida	Estrangeiro	Menor interesse de pesquisa	Derrota
Aline Silva fala sobre eliminação na	Brasileira	Menor interesse de pesquisa	Derrota

luta olímpica: “Fiz tudo que eu pude”			
Arthur Zanetti comenta sua nota nas argolas: “A gente diminuiu a nota de partida”	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Thomaz Bellucci comenta vitória na estreia na Rio 2016	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Judoca Charles Chibana comenta derrota e agradece apoio da torcida na estreia na Rio 2016	Brasileiro	Menor interesse de pesquisa	Derrota
Daniele Hypolito comenta o seu bom desempenho na trave	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Jade Barbosa comenta seu bom desempenho na fase classificatória da Rio 2016	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Esgrimista Ibitaj Muhammad comenta experiência e importância de participar de uma Olimpíada	Estrangeira	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva
Diego Hypolito comenta a emoção de participar da sua terceira Olimpíada	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva

Jade Barbosa comenta desempenho nos aparelhos e comemora evolução na ginástica brasileira	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Daniele Hypolito comenta papel de líder e desconversa sobre futuro na ginástica artística	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Não decisiva
Marcelo e Bruno Soares comentam derrota e eliminação no torneio de duplas de tênis masculino na Olimpíada	Brasileiros	Menor interesse de pesquisa	Derrota
Judoca refugiado Popele Misenga comenta importância de disputar uma Olimpíada	Estrangeiro	Menor interesse de pesquisa	Derrota
Felipe Perrone comenta vitória sobre <i>dream team</i> do polo aquático	Brasileiro	Menor interesse de pesquisa	Derrota
Mayra Aguiar comenta conquista do bronze na Rio 2016	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Andres Nocioni comenta vitória	Estrangeiro	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva

argentina: “Muito respeito pela equipe do Brasil”			
Luis Scola comenta vitória da Argentina sobre o Brasil no basquete	Estrangeiro	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva
Emocionado, Stephan comenta apoio da torcida no hipismo: “Foi um barulho incrível”	Brasileiro	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva
Arthur Mariano comenta a conquista do bronze	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Isaquias Queiroz comenta vitória em bateria da canoagem	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Poliana Okimoto chora ao comentar medalha olímpica: “Ficha demora a cair, eu merecia muito”	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Arthur Zanetti e Marcos Goto comentam conquista da prata na final masculina das argolas na ginástica artística na Rio 2016	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Flávia Saraiva comenta participação	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Derrota

na final da trave na Rio 2016			
Simone Biles comenta o bronze e diz estar feliz com a medalha	Estrangeira	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Fabiana Murer comenta eliminação: “A hérnia tirou a força do meu braço”	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Derrota
Thiago Braz se emociona com narração de ouro olímpico: “Inexplicável”	Brasileiro	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Muito emocionada, Rafaela Silva comemora ouro e lembra eliminação na Olimpíada de Londres	Brasileira	Maior interesse de pesquisa	Vitória
“Eu já era uma lenda, mas essa noite eu confirmei”, afirma Usain Bolt	Estrangeiro	Maior interesse de pesquisa	Vitória
Autor da última cesta do Brasil, Marquinhos afirma: “A ficha ainda está caindo”	Brasileiro	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva
Ginasta jamaicana celebra poder representar seus país	Estrangeira	Menor interesse de pesquisa	Não decisiva

na Olimpíada do Rio de Janeiro			
--------------------------------	--	--	--

Nacionalidade	Brasileiro(a)	Estrangeiro(a)
41	29	12

Influência	Maior interesse de pesquisa pelo grande público	Menor interesse de pesquisa pelo grande público
41	26	15

Resultado	Vitória	Derrota	Não decisiva
41	11	8	22

6.1 NACIONALIDADE

Primeiramente, a autora entendeu que era importante criar este grupo pois após uma primeira avaliação notou uma diferença no tratamento de atletas brasileiros e estrangeiros. Como o SporTV é uma emissora do Brasil, naturalmente os repórteres tinham mais conhecimento e ficavam mais à vontade em entrevistas feitas com atletas da mesma nacionalidade.

Nas entrevistas analisadas referentes a atletas brasileiros foi possível constatar uma certa intimidade entre repórter e competidor. Frequentemente o jornalista chamava o entrevistado por apelidos, fazia piadas, usava gírias populares e até mesmo tocava o atleta. Foi observado que em momento algum o competidor se sentiu visivelmente constrangido com essas liberdades tomadas pelo entrevistador. A proximidade entre profissionais da comunicação e atletas parece ter ajudado no desenvolvimento da entrevista, pois o entrevistado aparentou se sentir mais à

vontade, independente do resultado da competição. Essa intimidade ajudava inclusive em perguntas que “enquadravam” o atleta, pois quebrava o clima de tensão.

Porém, ao contrário do que muitos autores já citados neste trabalho pensam, o fato das entrevistas serem, muitas vezes, descontraídas, não ofuscou o compromisso com o jornalismo - ou seja, passar informações pertinentes aos telespectadores. Apesar da certa intimidade, os repórteres perguntavam sobre a partida, indagando sobre jogadas e estratégias usadas durante a competição. Expectativas e desempenho dos adversários também eram tópicos abordados nas conversas. Além disso, notou-se que, em algumas entrevistas, os repórteres mostravam para os atletas brasileiros - em uma pequena televisão - certas cenas que aconteceram durante a competição, como alguns movimentos decisivos para a partida ou a reação de familiares. Foi possível notar também que os jornalistas se solidarizam mais com a dor de atletas brasileiros, muitas vezes consolando o atleta.

Contudo, é importante ressaltar um esporte em particular: o futebol. Nas entrevistas feitas com os atletas brasileiros deste esporte foi possível perceber mais seriedade por parte dos jornalistas. Eles faziam menos piadas e perguntavam mais sobre o jogo e sobre as expectativas quanto ao time. Essas características foram constatadas para ambos os sexos, apesar das entrevistas feitas com as atletas do futebol feminino serem discretamente mais descontraídas. Essa particularidade analisada no futebol pode ser explicada pelo fato desse esporte ser extremamente importante para o brasileiro, e isso foi refletido nas entrevistas, já que o foco foi a partida e as expectativas da seleção.

Já nas entrevistas realizadas com atletas estrangeiros, os jornalistas são mais sérios, e fazem perguntas bem objetivas. Apesar de também usarem o artifício da descontração nas conversas, é nítida a diferença de intimidade entre atletas brasileiros e atletas estrangeiros com os repórteres do canal. Alguns competidores não demonstraram muita emoção ao realizar a entrevista, principalmente quando saíam vitoriosos ou quando o jogo não era decisivo. Já quando o atleta perdia, é possível notar seu aborrecimento e chateação, assim como nos brasileiros. Um fator que pode influenciar nesse “descaso” do atleta é o fato do SporTV não ser um veículo de comunicação do seu país de origem, o que pode acabar interferir no interesse do entrevistado. Foi observado, também, que os jornalistas sempre entravam no assunto “Brasil” - perguntavam como estava sendo a experiência no país, se havia correspondido às expectativas e qual a impressão que o atleta ficou do Brasil e dos brasileiros.

A questão sobre intimidade entre repórter e atleta pode ser explicada pelo fato dos competidores estrangeiros não conhecerem os jornalistas brasileiros. Como Coelho (2004)

explicou, a convivência entre jornalista e atleta cria certos vínculos entre eles, o que ajuda a conseguir uma entrevista melhor, e, de certa maneira, mais profunda.

É importante ressaltar a diferença dos números de entrevistas feitas com atletas brasileiros e estrangeiros disponibilizadas no site do SporTV - existem mais que o dobro de entrevistas com brasileiros que com estrangeiros. Isso provavelmente se deve ao fato de a produção do programa achar que o seu público tem preferência em assistir a entrevistas com atletas do próprio país. Isso também explicaria o porquê de as entrevistas realizadas com atletas do Brasil serem mais longas e aprofundadas, enquanto as entrevistas com estrangeiros foram mais sucintas e diretas.

6.2 INFLUÊNCIA

Certos atletas se firmaram como “queridinhos” do público brasileiro, e isso foi, de certa forma, refletido nas entrevistas. A categoria “Influência” foi criada pois notou-se algumas tendências nas entrevistas realizadas com os competidores de maior e menor interesse de pesquisa pelo grande público - ou seja, atletas mais conhecidos e menos conhecidos no Brasil.

Com os competidores de maior interesse de pesquisa pelo público, geralmente o jornalista fazia perguntas pessoais, tais como: o que ele achou de uma jogada ou de um movimento específico; como ele se sentiu depois e durante a partida; qual a impressão que ele teve sobre as Olimpíadas. Isso aconteceu porque o interesse do público se sobressaiu ao interesse público, já que é comum a curiosidade popular pelo atleta em si, não só pelo seu desempenho. Porém, isso não significa que este último foi ignorado pelos jornalistas. Os repórteres também faziam perguntas sobre a competição, mas é nítido o interesse pela opinião do atleta sobre ela.

Já com os atletas menos conhecidos pelo grande público, as perguntas iniciais eram mais direcionadas para a competição que acabara de acontecer. Percebeu-se também que, muitas vezes, esses atletas pertenciam a modalidades pouco exploradas no Brasil e, portanto, de pouca influência sobre os brasileiros. Esse fator também influenciou no andamento da entrevista: os jornalistas realizavam, muitas vezes, perguntas sobre a trajetória e crescimento do atleta e do esporte. Além disso, também perguntavam sobre o desempenho do atleta, e como ele avaliou sua caminhada até os Jogos Olímpicos - todas essas perguntas foram feitas para que o público pudesse conhecer melhor o competidor e a modalidade. Com isso, acredita-se que o

entrevistado se sentiu mais à vontade com a entrevista, já que percebeu um interesse por parte da mídia.

Ademais, foi notado que existe uma relação entre o fator Nacionalidade que também foi decisivo na categoria Influência. Existiu um interesse maior com os atletas menos conhecidos brasileiros do que com estrangeiros. Além disso, percebeu-se que alguns atletas internacionais mais conhecidos do grande público, como Usain Bolt (SporTV, 2016) e Simone Biles (SporTV, 2016) eram bem diretos em suas entrevistas, falando sobre a partida e sobre o seu desempenho. Isso provavelmente se deve ao fato deles estarem acostumados com esse situação de interesse da mídia. Já os competidores conhecidos brasileiros tinham prazer em falar com os jornalistas e responder perguntas pessoais, como foi o caso de Jade Barbosa (SporTV, 2016) e Diego Hypólito (SporTV, 2016).

Vale ressaltar que essas observações foram tendências observadas pela autora, e não uma regra. Independente do fator Influência, os jornalistas questionavam os atletas sobre a partida, porém, como mostrado nesta análise, o fato de o competidor ser mais ou menos conhecido determinou a intensidade desse interesse - de maneiras e motivos diferentes. Alguns atletas brasileiros que antes das Olimpíadas não eram conhecidos do grande público passaram a ser depois da sua vitória. Foi o caso de Thiago Braz (SporTV, 2016), campeão olímpico do salto com vara na Rio 2016. Após a vitória, o interesse do repórter foi maior, ou seja, a entrevista foi mais aprofundada, o que provavelmente não teria acontecido antes, já que ele não era muito conhecido pelos brasileiros.

É importante salientar, ainda, a escolha das entrevistas com atletas estrangeiros feitas pelo SporTV. O veículo deu preferência para publicar em seu site atletas mais conhecidos do grande público, como os tenistas Rafael Nadal (SporTV, 2016) e Novak Djokovic (SporTV, 2016). Percebeu-se que os atletas menos conhecidos estrangeiros tiveram suas entrevistas escolhidas não pelo seu desempenho, mas porque sua história era interessante. Um exemplo seria Ibtihaj Muhammad (SporTV, 2016), a esgrimista americana de origem muçulmana: a entrevista teve como foco a sua representatividade, e não o seu desempenho na competição.

6.3 RESULTADO

Para poder analisar esta categoria a autora teve que definir o que seria considerado derrota e vitória. Como a Zona Mista é caracterizada como uma área em que o atleta se encontra

em picos de emoção, ficou definido que “ganhar” e “perder” estariam classificados pelos extremos: caso o atleta tenha conquistado um dos três primeiros lugares, a entrevista foi analisada como uma vitória; e caso ele tenha sido eliminado das Olimpíadas, uma derrota. As entrevistas feitas após partidas não cruciais foram categorizadas como “Não decisivas”.

Determinado esse critério, o próximo passo foi analisar as características das entrevistas feitas com atletas vencedores. Assim que o competidor chegava para a entrevista, o jornalista apresentava o atleta para os telespectadores como um ganhador, destacando o título que ele conquistou e, caso houvesse, o recorde que ele bateu. Os termos “ganhador”, “medalhista” e “orgulho” eram repetidos frequentemente durante algumas entrevistas. Foi observado, também, que a pergunta “Como você se sente?” só foi feita para atletas ganhadores.

Algumas vezes os repórteres solicitaram que o competidor fizesse uma análise da partida e do seu adversário, para que ele mostrasse para o público o que pensou durante a disputa - e o que foi determinante para a vitória. Além disso, quando o atleta era mais expressivo ou estava mais emocionado, os jornalistas comentavam suas reações e perguntavam o que essa conquista representou para a carreira deles. Ademais, os repórteres sempre comparavam a vitória desta Olimpíada com o resultado que o competidor teve na edição passada, de Londres.

Já nas entrevistas feitas com os atletas que foram derrotados, foi notado um padrão: o jornalista tomava mais cuidado com o que falar e muitas vezes consolava o entrevistado, usando frases como “você tem uma carreira inteira pela frente” e “foi de igual para igual”. Para amenizar a situação, o repórter comentava sobre o carinho do público e lembrava aspectos positivos do atleta. Após um certo tempo de conversa, ele perguntava o que o competidor poderia ter feito diferente, onde ele errou e o que ele aprendeu com isso.

No entanto, dois assuntos eram sempre abordados, tanto para vitória quanto derrota: a emoção da torcida e a trajetória do competidor. No caso da torcida, quando o atleta ganhava, o repórter usava esse artifício para comentar a admiração do público por ele. Já quando o entrevistado perdia, o jornalista usava a torcida para demonstrar o reconhecimento do público pelo esforço e dedicação desse competidor. Em ambas situações o jornalista perguntava como o atleta se sentia com esse carinho - cada qual com a sua finalidade. Já quando a trajetória do competidor era citada, o jornalista usava esse recurso para mostrar o que o atleta conquistou até chegar nas Olimpíadas, seja para atletas vencedores ou derrotados.

As entrevistas classificadas como “Não decisivas” também dependiam do resultado da competição. Apesar da disputa não ser uma vitória ou derrota, o desfecho do jogo influenciava na classificação do atleta ou do time para a próxima fase. Por isso, quando o competidor tinha um bom desempenho, a entrevista foi conduzida como “vitória”, e, quando não, era levada para

o lado “derrota”. Porém, apesar das semelhanças dessas entrevistas com as citadas nos parágrafos acima, é importante ressaltar que os atletas não estavam tão emotivos e nervosos. Isso se deve justamente ao fato dessas partidas não serem cruciais. Os repórteres, então, perguntavam como essa nova classificação influenciaria nas próximas competições. Ademais, as perguntas seguiam os padrões de sempre: o que o atleta achou de certa jogada ou movimento, o que poderia ter feito de diferente.

Por fim, durante a análise do critério Resultado, percebeu-se que os jornalistas precisaram observar a reação de cada atleta sobre o resultado obtido. Isso significa que, muito mais que posições e medalhas, era o próprio atleta que determinava se ele foi um ganhador ou não. Para exemplificar temos duas situações: a ginasta Flávia Saraiva (SporTV, 2016) ficou em 5º lugar na sua categoria, mas tratou o resultado como uma vitória, e assim fez o jornalista; já a também ginasta Simone Biles (SporTV, 2016) ganhou a medalha de bronze e ficou inclusive, na frente de Saraiva. No entanto ela ficou visualmente incomodada com o resultado - por isso, o jornalista foi mais cauteloso em suas perguntas. O segredo para lidar com o entrevistado é simples: basta observar suas reações.

7. CONCLUSÃO

Apesar de ser uma área pouco abordada academicamente no Jornalismo, o estudo mostrou que a Zona Mista é um elemento fundamental do jornalismo esportivo, possuindo duas características predominantes: a honestidade e a emoção. Como as entrevistas são feitas logo após as partidas, o foco do atleta está totalmente no seu resultado, e não em responder cautelosamente as perguntas. Com isso, o repórter consegue respostas mais significativas - o que tem mais potencial de interessar aos telespectadores e despertar a curiosidade do público. Além disso, a Zona Mista é o primeiro contato do atleta com a mídia e com o público, e isso faz dela uma área única.

As Olimpíadas acontecem de quatro em quatro anos e para muitos atletas esse momento é o auge da carreira. O desempenho durante os jogos e o resultado obtido representam um grande feito para a história esportiva particular de cada um deles. Percebemos, ao longo deste estudo, que a Zona Mista demanda muito profissionalismo e sensibilidade dos repórteres, pois eles se encontram lidando com atletas em momentos vulneráveis - e, por isso, é preciso se preparar.

Como Owens (2015) afirmou, é fundamental que o jornalista estude sobre o esporte e sobre o competidor que vai entrevistar - e percebemos que esse aspecto foi respeitado durante as entrevistas analisadas. Frequentemente os repórteres explicavam para os telespectadores algumas jogadas, assim como as debatiam com os atletas. Além disso, vimos que, principalmente com atletas menos conhecidos do grande público, o jornalista contava um pouco sobre a história do competidor, para que o público se familiarizasse com ele.

Foi possível perceber também que o interesse do público foi um fator importante nessas entrevistas. Além de questionarem sobre a partida (interesse público), os repórteres perguntavam sobre um assunto em particular que atiçava a curiosidade dos telespectadores: como estava sendo a experiência de participar de uma Olimpíada no Brasil. O brasileiro tem interesse em saber se agrada aos estrangeiros, e isso se caracteriza como informações de interesse do público. Ademais, percebeu-se que as três categorias analisadas estavam muito entrelaçadas, de forma que uma exercia influência na outra, o que contribuiu para a análise do trabalho.

Em síntese, o resultado deste Trabalho de Conclusão de Curso se fez satisfatório, visto que os objetivos foram alcançados - demonstrar quais as particularidades das entrevistas

realizadas na Zona Mista, que seriam a honestidade e a emoção. Espera-se, então, que a análise possa contribuir para o universo acadêmico da Comunicação, e que essa Zona ganhe mais atenção por parte dos estudantes e professores. Além disso, é preciso entender que jornalismo esportivo não é entretenimento, ele apenas usa artifícios para atingir todos os grupos sociais da nossa sociedade. E as entrevistas feitas na Zona Mista cumprem bem esse papel: aproximam o atleta do público por meio de técnicas estudadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. Editora Contexto, 2006.

BATISTA, Cicélia Pincer. *O papel do planejamento de cobertura na produção da notícia*. In: Comunicação e Cidadania. Actas do 5º Congresso da SOPCOM. 2008.

CAMPOS, Anderson Gurgel. *O Papel do jornalismo nos megaeventos esportivos*. In: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Fortaleza: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2012. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/r7-1946-1.pdf>> Acesso em 12/10/2017.

CAMPOS, Anderson Gurgel. *Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos*. São Paulo, 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p193/14119>>. Acesso em 3/10/2017.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo, Editora Contexto, 2003.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Mixed Zones Operations for the Rio 2016 Olympic Games*. Suíça, 2016. Disponível em <[http://eventosdelciclo.cog.org.gt/sites/default/files/Documentos/Rio%202016%20Mixed%20Zones%20Operations%20\(1\).pdf](http://eventosdelciclo.cog.org.gt/sites/default/files/Documentos/Rio%202016%20Mixed%20Zones%20Operations%20(1).pdf)> Acesso em: 5/10/2017.

DA COSTA, Leda Maria. *Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia*. Logos, 2010. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/857>> Acesso em 27/9/2017.

ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso*. Atlas, 1981.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. *Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração*. Editora Saraiva, 2000.

GOMIS, Lorenzo. *Do importante ao interessante - ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo*. Pauta Geral 4, 2002. Disponível em <<http://54.232.216.243/sites/libwww/udc/uploads/uploadsMateriais/10042017154634LorenzoGomis.pdf>> Acesso em 27/8/2017.

MORAIS, Margareth Andrade. *Os processos anafóricos no gênero relato esportivo*. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/RubinoMAM.pdf>> Acesso em 15/10/2017.

OSELAME, Mariana Corsetti. *Fim da notícia: o "engraçadíssimo" no campo do jornalismo esportivo de televisão*. 2012. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2057/1/000446793-Texto%2bCompleto-0.pdf>> Acesso em 15/9/2017.

OWENS, Jim. *Television Sports Production, 5TH Edition*. Kentucky: Focal Press, 2015.

PEÑA, Emilio Fernández. *Olympic Summer Games and Broadcast Rights. Evolution and Challenges in the New Media Environment*. Revista Latina de Comunicacion, v. 64, 2009. Disponível em <http://www.revistalatinacs.org/09/art/876_Barcelona/77_144_FernandezEng.html>. Acesso em 12/10/2017.

POZZI, L. U. I. S.; HENRIQUE, C. *Esporte e mídia. Atlas do Desporto no Brasil*. Brasil: Shape Editora e Promoções Lda. 2005. Disponível em <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/290.pdf>> Acesso em 7/10/2017.

SHUEN CRISTINA SILVA SOUSA, Li-Chang. *Cobertura esportiva na televisão: jornalismo ou entretenimento?*. 2005. Disponível em

<http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3427/arquivo4676_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 23/9/2017.

SILVA, Gislene. *Para pensar critérios de noticiabilidade*. 2005. Disponível em <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5931/5402>> Acesso em 27/8/2017.

SILVA, José da. *Gestão da Segurança em Megaeventos Esportivos*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/161.pdf>> Acesso em 12/10/2017.

SILVEIRA, Nathália Ely da. *Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas*. 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1896-1.pdf>> Acesso em 11/10/2017.

TAVARES, Otavio. *Megaeventos esportivos*. Vitória: Movimento, v. 17, n. 3, 2011. Disponível em <<http://www.pgedf.ufpr.br/Otavio%20Tavares%20DORA%202.pdf>> Acesso em 5/11/2017.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Insular, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. Martins Fontes, 2003.

**APÊNDICE A – LISTA DOS VÍDEOS UTILIZADOS COM A PALAVRA-CHAVE
“FALA”**

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/kerry-walsh-e-april-ross-falam-sobre-vitoria-sobre-a-australia-no-volei-de-praia/5217686/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/djokovic-fala-em-entrevista-exclusiva-ao-sportv/5217635/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/raulzinho-fala-sobre-mudanca-de-postura-do-brasil-apesar-da-derrota-na-estrela/5218197/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/flavia-saraiwa-fala-sobre-a-emocao-de-participar-da-sua-primeira-olimpiada/5218231/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/felipe-perrone-da-selecao-de-polo-aquatico-fala-da-vitoria-sobre-a-servia/5226699/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/rafael-nadal-fala-apos-vitoria-sobre-frances/5228047/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/luan-fala-da-importancia-de-neymar-no-time-brasil/5234470/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/renato-augusto-fala-de-emocao-em-disputar-semi-no-maracana/5234476/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/marta-fala-sobre-perda-de-penalti-e-classificacao-brasileira/5232475/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/andy-murray-bicampeao-olimpico-fala-que-esta-e-a-melhor-temporada-da-carreira/5235230/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/robson-conceicao-fala-da-infancia-dificil-e-quer-carro-de-bombeiro-em-salvador-para-festa/5240321/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/emocionado-manu-ginobili-fala-da-importancia-do-basquete-e-da-emocao-da-festa-da-torcida/5243191/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/aline-silva-fala-sobre-eliminacao-na-luta-olimpica-fiz-tudo-que-eu-pude/5245251/>

**APÊNDICE B – LISTA DOS VÍDEOS UTILIZADOS COM A PALAVRA-CHAVE
“COMENTA”**

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/arthur-zanetti-comenta-sua-nota-nas-argolas-a-gente-diminuiu-a-nota-de-partida/5215982/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/thomaz-bellucci-comenta-vitoria-na-estreia-na-rio-2016/5217984/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/judoca-charles-chibana-comenta-derrota-e-agradece-apoio-da-torcida-na-estreia-na-rio-2016/5218029/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/daniele-hypolito-comenta-o-seu-bom-desempenho-na-trave/5218214/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/jade-barbosa-comenta-seu-bom-desempenho-na-fase-classificatoria-da-rio-2016/5218247/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/esgrimista-ibithaj-muhammad-comenta-experiencia-e-importancia-de-participar-de-uma-olimpiada/5220414/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/diego-hypolito-comenta-a-emocao-de-participar-da-sua-terceira-olimpiada/5220654/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/jade-barbosa-comenta-desempenho-nos-aparelhos-e-comemora-evolucao-na-ginastica-brasileira/5223229/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/daniele-hypolito-comenta-papel-de-lider-e-desconversa-sobre-futuro-na-ginastica-artistica/5223238/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/marcelo-melo-e-bruno-soares-comentam-derrota-e-eliminacao-no-torneio-de-duplas-de-tenis-masculino-na-olimpiada/5223875/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/judoca-refugiado-popole-misengacomenta-importancia-de-disputar-uma-olimpiada/5225698/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/felipe-perrone-comenta-vitoria-sobre-dream-team-do-polo-aquatico/5226428/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/mayra-aguiar-comenta-conquista-do-bronze-na-rio-2016/5228451/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/andres-nocioni-comenta-vitoria-argentina-muito-respeito-pela-equipe-do-brasil/5233588/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/luis-scola-comenta-vitoria-da-argentina-sobre-o-brasil-no-basquete/5233576/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/emocionado-stephan-comenta-apoio-da-torcida-no-hipismo-foi-um-barulho-incrivel/5234651/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/arthur-mariano-comenta-a-conquista-do-bronze-na-final-do-solo-na-olimpiada/5234877/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/isaquias-queiroz-comenta-vitoria-em-bateria-da-canoagem/5235949/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/poliana-okimoto-chora-ao-comentar-medalha-olimpica-ficha-demora-a-cair-merecia-muito/5237877/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/arthur-zanetti-e-marcos-goto-comentam-conquista-da-prata-na-final-masculina-das-argolas-na-ginastica-artistica-na-rio-2016/5236987/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/flavia-saraiva-comenta-participacao-na-final-da-trave-na-rio-2016/5237225/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/simone-biles-comenta-o-bronze-e-diz-estar-feliz-com-a-medalha/5237313/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/fabiana-murer-comenta-eliminacao-a-hernia-tirou-a-forca-do-meu-braco/5239118/>

**APÊNDICE C – LISTA DOS VÍDEOS UTILIZADOS COM A PALAVRA-CHAVE
“EMOCIONADO(A)”**

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/thiago-braz-se-emociona-com-narracao-de-ouro-olimpico-inexplicavel/5238990/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/muito-emocionada-rafaela-silva-comemora-ouro-e-lembra-eliminacao-na-olimpiada-de-londres/5220456/>

**APÊNDICE D – LISTA DOS VÍDEOS UTILIZADOS COM A PALAVRA-CHAVE
“AFIRMA”**

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/eu-ja-era-um-lenda-mas-essa-noite-eu-confirmei-afirma-usain-bolt/5235298/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/autor-da-ultima-cesta-do-brasil-marquinhos-afirma-a-ficha-ainda-esta-caindo/5223007/>

<http://sportv.globo.com/videos/rio-2016/t/ultimos/v/ginasta-jamaicana-celebra-poder-representar-seu-pais-na-olimpiada-do-rio-de-janeiro/5217881/>